

## Do nativo ao pomerano: as línguas, os dialetos e falares vivos de um Brasil pouco conhecido

### From native to the Pomeranian: languages, dialects and talks alive in a hardly known Brazil

Neubiana Silva Veloso Beilke\*

**Resumo:** No Brasil existe atualmente uma grande variedade de línguas faladas. Algumas não possuem formas escritas, outras vêm sendo catalogadas e fomentadas por iniciativas isoladas, porém muitas estão se perdendo pelo falecimento dos falantes e falta de interesse das novas gerações em praticar e preservar. Diante da quantidade de línguas presentes no nosso território, é possível afirmar que este ainda é um grande campo a ser desbravado. Alguns dialetos caem no esquecimento sem vir ao conhecimento do grande público, por haver carência de mais pesquisas nessas áreas e por desinformação sobre a diversidade cultural e linguística do país. É preciso criar condições para que dessa multiplicidade de línguas não restem apenas vestígios e, combater o perigo do desaparecimento completo de algumas variantes dialetais. Devemos motivar uma consciência coletiva a fim de registrar essa pluralidade linguística tão rica no nosso país. Este artigo visa discutir objetivamente a existência dessa diversidade de falares e divulgar a necessidade de seu estudo e suas formas de transmissão, mostrando brevemente o que já tem sido feito, (iniciativas de co-oficializações, atlas linguísticos, mapeamentos e inventários) e o quanto ainda precisa ser feito para catalogar, analisar e preservar. A fim de dar visibilidade a essa riqueza da nossa “plurilinguística brasilidade”.

**Palavras-Chaves:** dialetos; plurilinguismo; variedades linguísticas; línguas de imigração; pomerano (*Pommersch*).

**Abstract:** in Brazil, there is currently a wide variety of spoken languages. Some do not have written forms, others are being cataloged and promoted by isolated initiatives, but many are being lost due to the death of the speakers and lack of interest in practicing and preserving of the new generations. Given the number of languages spoken in our territory, we can say that this is still a great field to be explored. Some dialects fall into oblivion without coming to the attention of the general public, due to the lack of further research in these areas and misinformation about the cultural and linguistic diversity of the country. It is necessary to create conditions so that this multiplicity of languages avoidance does not lead to extinction, as well as it is urgent to fight against the danger of complete disappearance of some dialects. A collective consciousness must be stirred in order to register this linguistic plurality that is rich in our country. This article aims at discussing objectively the existence of this talk diversity and reveals the need for its study and its ways of transmitting, showing briefly what has already been done (coofficialization initiatives, linguistic atlases, maps and inventories). There is still much to do to catalog, analyze and preserve, hence visibility to this wealth of our "multilingual Brazilianness" will be given.

**Keywords:** dialects; multilingualism; linguistic varieties; immigration languages; Pomeranian (*Pommersch*).

---

\* Graduada em Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Federal de Uberlândia.

As reflexões aqui sugeridas têm a intenção de lembrar que existe uma numerosa variedade de línguas e dialetos de diferentes povos que compõem a diversidade da população brasileira. Este assunto está em foco, uma realidade para a qual é necessário atentarmos.

Ao considerar os imigrantes que vieram ao Brasil no século XIX e também os nativos que aqui viviam na época da chegada dos portugueses, é importante avaliar alguns estudos pontuais sobre as manifestações culturais desses povos, visto que um dos traços mais marcantes da expressão de um povo é sua língua. Vamos discutir sobre esse ponto.

O olhar minucioso para a questão das línguas e dialetos de minorias étnicas é essencial. E se justifica, não só pela identidade do brasileiro ser constituída pela heterogeneidade, como também pelo fato de que vivemos num tempo em que tudo é tão efêmero e vem se transformando tão rápido que medidas para o estudo e catalogação dessas variantes de fala precisam ser adotadas. Tudo a fim de possibilitar que a variedade de línguas existente no Brasil não se perca e sejam trazida ao conhecimento do grande público, além de guardá-la na memória histórica.

Essa preocupação não deveria redundar apenas em um depositário de informações sobre línguas, ao contrário, deveríamos construir uma espécie de “arquivo vivo” para a manutenção de dialetos ainda ativos, a fim de que não caiam no esquecimento e se tornem mero fato do passado. Há diversas formas de fala ainda vivas e pouco estudadas, mesmo com número reduzido de falantes; elas têm resistido e vêm se transformando ao longo do tempo e do contato com outras línguas. Infelizmente não para todos, mas para alguns, ainda está em tempo, devido a um esforço de preservação e permanências culturais de determinados grupos sociais, de praticantes e protetores de dentro e fora dessas coletividades.

Aqui no Brasil, têm surgido muitas reportagens e publicações sobre a existência de diversas línguas, como a variedade das línguas de povos indígenas que subsistiram. O notável é que com todos os reveses ao longo da história, algumas línguas realmente originárias de etnias nativas continuaram vivas. De acordo com a pesquisa de Oliveira (2008), estima-se que existam cerca de 210 idiomas ativos no nosso território, sendo que destes mais de 170 seriam indígenas e outras 30 línguas seriam provenientes dos processos de imigração de diferentes partes, além das diferentes Línguas de Sinais com seus regionalismos e variações das comunidades surdas do país.

No entanto, esse total numérico esconde uma triste realidade, pois se olharmos de forma mais ampla, podemos constatar, com base em Rodrigues (1993 *apud* Oliveira, 2008), que na

época da chegada dos portugueses, há pouco mais de 500 anos, eram falados 1.078 idiomas diferentes nas terras que constituem o nosso Brasil, ou seja, restaram apenas cerca de 15% de nossa variedade linguística. Com a imposição e oficialização da língua portuguesa por Portugal, grande parte dessa diversidade foi extinta.

Embora mais tarde fossem trazidos novos idiomas com os imigrantes da Europa e de outras partes do mundo, desde o início do século XIX, o governo brasileiro, com sua política de nacionalização da educação durante o Estado Novo (1937-1945), novamente coibiu a diversidade linguística. Essa política, conforme aponta a revista *Desenvolvimento*, “[...] tinha por objetivo acabar com as línguas de imigração, como o japonês, o polonês, o ucraniano, o pomerano, o *Hunsrückisch*, o *talian* e línguas ciganas.” (210 BRASIS..., 2011, p. 69).

De fato, essas ações do período Vargas foram um fator determinante, um momento histórico crucial para as línguas alóctones no Brasil, com seus decretos de proibição, por exemplo, do idioma alemão por causa dos impasses da Segunda Guerra Mundial e do Nazismo; os filhos desses imigrantes foram prejudicados quanto ao aprendizado do idioma de seus pais. E outras línguas foram progressivamente suprimidas, dificultando a transmissão dessa cultura de uma geração para outra geração, obrigando os filhos de estrangeiros a deixarem a língua de seus ascendentes e aprenderem o português “à força”. Salvo algumas comunidades que foram resistentes, muito se perdeu.

Entretanto, é justamente todo esse histórico de opressão e supressão, da diversidade e riqueza linguística do nosso país que nos motiva a avançar frente a um esforço de resgate e permanência das várias línguas em nossa pátria multiétnica, visto que a diversidade de falares resistiu bravamente, apesar de todas as circunstâncias contrárias.

Essa história começou a mudar e parece que estamos vivendo uma abertura para o fomento das línguas no Brasil. Morello & Oliveira (2004), falam da elaboração de um livro de registro das línguas, um instrumento por meio do qual o Estado reconhece as línguas das comunidades brasileiras como patrimônio cultural imaterial da nação, dentro do Programa de Registro do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e do Ministério da Cultura. Esses autores listam que dentre os objetivos dessa iniciativa estariam: a promoção do direito às línguas, a instalação de políticas de registro e circulação delas, a elaboração de equipamentos - instrumentos e dispositivos – articulados às políticas linguísticas, com procedimentos criteriosos necessários para os registros. Percebamos que os autores citados já defendiam a moção de uma ação patrimonial para as línguas brasileiras.

Então, conforme apontou a revista *Desenvolvimento* (2011), o GTDL (Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística do Brasil) foi criado em 2006, com base nos dados do Iphan. Esse grupo foi criado com o objetivo de desenvolver o Inventário Nacional da Diversidade Linguística e o Livro de Registro das Línguas, como parte da estratégia de valorização do patrimônio cultural imaterial, previamente citado.

Em 10 de dezembro de 2010 foi publicado no Diário Oficial da União o decreto que finalmente instituiu o Inventário e o definiu como um meio de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas faladas no Brasil. A tarefa deste inventário consiste em realizar um mapeamento, caracterizar e diagnosticar as diferentes situações da pluralidade linguística brasileira, sistematizando esses dados de modo a permitir que as línguas sejam promovidas por políticas públicas de reconhecimento e valorização.

A diretora do Iphan, Márcia Sant'Anna, declara “Queremos criar mais escolas bilíngues, produzir livros e programas de rádios em outras línguas” (210 BRASIS, 2011, p. 69-70). Afirmação que assinala o oposto do período da Ditadura Vargas e sugere que estaríamos vivendo uma época de abertura para o plural, ao contrário da unificação que impôs a língua portuguesa como oficial e única aceitável na época. Devemos então aproveitar esse momento chave para explorar a riqueza imaterial do patrimônio brasileiro, que é não só uma *babel*, mas um imenso celeiro de culturas. A intenção é preservar as diversas línguas, porém de forma que o português seja o elo compreensível, que permita uma boa comunicação entre todos os brasileiros e não uma imposição monolinguística incapaz de traduzir a diversidade de falas da nossa pátria.

Fato consensual é a necessidade de mapear as centenas de línguas faladas no país. Kattah diz que é preciso “retirá-las de uma espécie de clandestinidade simbólica” (2008, p. 14). Segundo ele, o levantamento aprovado pelo Iphan objetiva contemplar línguas indígenas, de imigrantes e afro-brasileiras, estas últimas tão esquecidas e relegadas a segundo plano. Além disso, contemplará as variantes do próprio português.

Um dado mais recente que podemos considerar é o Censo de 2010 sobre as línguas minoritárias faladas no Brasil, que recalculou que existem em torno de 305 etnias indígenas no Brasil que fariam 274 línguas diferentes, excetuando-se nesse número as línguas de imigração. Isso parece uma perspectiva mais otimista do que se tinha inicialmente.

Devemos considerar que o inventário do Iphan e todas essas iniciativas de mapeamento poderão trazer à tona a existência de uma variedade ainda maior ou o desaparecimento recente

de alguns dialetos que acreditávamos ainda estarem vivos, talvez por falta de registros escritos e incentivos ou porque, após mais de 500 anos de perdas, essas políticas voltadas para o reconhecimento plurilinguístico do país podem ter chegado tarde demais para algumas tribos e grupos étnicos.

Este Censo também calculou que dessas línguas, 27% têm menos de 100 falantes e 13% têm menos de 50 falantes, o que sugere haver muitas línguas que estão em risco de extinção, pela permanência de uma pequena quantidade de falantes em 40% delas.

No âmbito local, existem diversos regionalismos do português e de outras línguas comuns a determinados grupos sociais, que foram ganhando sotaques e características próprias ao longo do processo histórico de transformação, sofrendo apropriações e, ainda assim, conservando traços específicos, apesar da nossa realidade globalizada e da intensa circulação de informações. Essas variedades de falas são mantidas, ainda que haja constante troca de elementos culturais como músicas, gírias e convivência com diversas pessoas de regiões e origens diferentes, com quem todos nós temos contato e comunicação frequentemente.

Em nossa sociedade está presente todo um movimento de diversos grupos sociais e étnicos lutando pelo reconhecimento de suas línguas. Essas línguas mães foram aquelas com que aprenderam a falar no seio familiar, e estão ligadas às suas origens. Apesar disso, falam o português ensinado nas escolas e respeitam o idioma oficial, possuem uma segunda língua totalmente presente e intrínseca à suas vidas. Essas são pessoas bilíngues e isso pode ser percebido nas diversas ações em prol de conseguirem o reconhecimento dessas línguas como co-oficiais, por meio de decretos e leis.

São vários os exemplos visíveis por todo o país. O município de São Gabriel da Cachoeira, no estado do Amazonas, passou a ter como línguas co-oficiais, o *Nheengatu*, o *Tukano* e o *Baniwa*, através da lei nº. 145, de 11 de dezembro de 2002.

No sul do Brasil foi criado um Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (Alers) com o intuito de catalogar as diversas variações linguísticas daquela região, um trabalho de parceria entre as universidades federais do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná. Outro projeto de grande amplitude, que não podemos omitir, é o Alib - Atlas Linguístico do Brasil, que objetiva a construção de um atlas geral do Brasil da língua portuguesa e suas variantes regionais.

O estado de Santa Catarina, através de sua Assembleia Legislativa, sancionou uma lei (Lei nº 14.951, de 11 de novembro de 2009) que decreta o *Talian*, dialeto italiano de origem

veneta, como patrimônio histórico e cultural, o que também ocorreu no estado gaúcho. De forma similar, o Rio Grande do Sul fez com o “*Hunsrik*”, termo alemão que vem de *Hunsrückisch*, através da lei nº 14.061 de 23/07/2012, oficializando-o também.

Em Pomerode/SC, a lei nº 2251, de 1º de setembro de 2010, determinou a instituição da língua alemã como idioma complementar, secundário e co-oficial no município. São acontecimentos sintomáticos do que vem ocorrendo em vários estados e municípios por todo o país, dentre muitos casos de afirmação do patrimônio linguístico, aprovados por atos oficiais.

Um fato interessante é o do Espírito Santo, onde a língua pomerana é mais falada do que o português nas cidades de Santa Maria de Jetibá, Santa Leopoldina, Pancas, Domingos Martins, Laranja da Terra e Vila Pavão. Nessas cidades os descendentes da etnia pomerana obtiveram, através de decretos, a língua *Pommersch*<sup>1</sup> como co-oficial. A nível estadual, esse reconhecimento já está em vigor desde agosto de 2011 através da Emenda Constitucional 11/2009, que incluiu no artigo 182 da Constituição Estadual as línguas pomerana e alemã como patrimônios culturais do estado do Espírito Santo.

Há muito tempo, os descendentes dessa etnia já vêm defendendo e lutando por preservar suas raízes; embora seus falares tenham sido mais recentemente influenciados pelo idioma português, visto que incorporaram palavras e expressões do idioma oficial. Isto não acontecia há algum tempo, pois essa gente viveu décadas isoladas em sua comunidade, nas regiões montanhosas do estado, até passar a ter contato com outras pessoas.

Todavia, os moradores desses lugares defendem orgulhosamente sua cultura e sua fala que, na maioria das vezes, consideram como língua, mesmo que diferente da língua oficial do país onde vivem e, ainda assim, se consideram brasileiros. Eles declaram, talvez por questões de postura pessoal, auto-determinação e identidade, que o *Pommersch*, é uma língua e não um dialeto oriundo do alemão, embora as origens germânicas sejam comuns e existam muitas semelhanças entre ambas.

De acordo com Tressmann (2010)<sup>2</sup>, é possível fazermos um breve histórico da origem da língua pomerana. Segundo ele, o pomerano é uma língua que pertence ao tronco indo-

---

<sup>1</sup> A referência à fala pomerana é encontrada de diversas formas: *Pommersch* (em alemão) que é adotada neste artigo. *Pomeranian* (variante inglesa nos EUA), *Plattdüütsch* para os pomeranos-brasileiros, que dessa forma se referem à língua. No dicionário de Ismael Tressmann aparece como *Pomerisch*. E ainda é possível encontrar as denominações *Pommerschplatt* ou *Pommeranisch*.

<sup>2</sup> Informações verbais obtidas a partir de vídeo-aulas e depoimentos. Vídeos intitulados “A Classificação da Língua Pomerana” e “A Língua Pomerana”. Santa Maria de Jetibá/ES, 2010. Disponíveis em: <<http://www.pomerano.com/videos/fatos-historicos-da-imigracao.html>>. Acesso em: 07 fev. 2013.

européu e da família das línguas germânicas, formado pelo baixo-saxônico (das terras baixas do norte da Europa, uma região plana) e também pelo westfaliano (línguas aparentadas).

A língua pomerana teria se desenvolvido antes da constituição do Reino da Prússia (*Die Preussische Rhein*, 1701-1871), embora possua palavras parecidas com o alemão. Para o etnolinguista, a Pommersch teria tido um status de língua e teria sido língua autônoma desde o século XIII. Para o autor, ela se formara em regiões diferentes do alemão e de forma também distinta. Dentro disso, ele considera também o critério da inteligibilidade, a partir do qual ele defende que alemão e pomerano não eram línguas inteligíveis entre si.

Ela teria chegado a ser uma “língua franca” desde os séculos XIII até o século XVI, devido ao seu uso feito pelos comerciantes que circulavam nas regiões da Pomerânia e da Liga Hanseática. Entretanto, com a forte crise e a queda do comércio na região do Mar Báltico, teria deixado de ser tão falada, visto que o território passou a ser do domínio do Reino da Prússia. Deste modo, o prussiano e o alemão passaram a ser impostos por meio das escolas e igrejas na Pomerânia. Então, poderíamos supor que o alemão era a segunda língua dos pomeranos, pois como província do reino da Prússia seu território estava sujeito à imposição da língua oficial do reino prussiano.

Ao examinar essas considerações, podemos mencionar que não há um consenso sobre o fato de o pomerano ser uma língua, pois a proximidade com o alemão deixa por vezes uma brecha para pensá-lo também como um possível dialeto proveniente do alemão. A existência de mais estudos sobre esse falar colaboraria para elucidar essa problemática.

A localização geográfica dessa língua pomerana era originalmente o norte da Europa. Ao retomarmos brevemente a história desse território, perceberemos que havia diversos dialetos e línguas em contato, pois não havia uma unificação sob a forma de Estado Nacional, como por exemplo, a Alemanha que conhecemos hoje.

Havia um grande reino formado de uma extensa região e diversas etnias, logo reunidas apenas pelo domínio da Prússia que os pôs em condição de comunicação. Dentre algumas línguas que, para Tressmann, influenciaram o pomerano, poderíamos citar: o *Plattdeutsch* (baixo-alemão que se desenvolveu a partir do saxão antigo e do baixo-alemão médio, falado pelos cidadãos da Liga Hanseática), o *Ostniederdeutsch* (este com influências frísias), além de contar com as influências do alemão báltico (*Baltendeutsch*), o prussiano (*Niederpreußisch* e *Hochpreußisch*), o silésio (*Schlesisch*) e o *Westpreußisch* (prussiano ocidental).

Pode-se falar também nas subdivisões entre o pomerano ocidental (*Westpommersch*) e pomerano oriental (*Ostpommersch*) – estes dois estão hoje praticamente extintos na região onde antes ficava o território da Pomerânia. O *Ostpommersch* (pomerano oriental) contava em sua formação, com influências eslavas, teutônicas e saxônicas. Essa confluência de diversas línguas formou, por sua vez, uma língua com características próprias, tais quais léxico, sintaxe e fonéticas diferentes.

A Província Pomerana da Prússia (*Preußische Provinz Pommern*, 1815–1945) era uma região que abrangia desde o nordeste da Alemanha até o norte da atual Polônia. Dessas regiões *Vorpommern* e *Hinterpommern*, a Pomerânia anterior e a Pomerânia posterior, vieram os imigrantes pomeranos para o Brasil, sendo que a maior parte deles é oriunda da *Hinterpommern*/Pomerânia posterior. Observemos, porém, que a *Hinterpommern* já existia como província desde 1653 e permaneceu deste modo até 1815.

Dessas localidades vieram significativas levas de imigrantes desde 1824 para o Brasil, mas o número de pomeranos se tornou ainda mais expressivo a partir de 1850. As condições sociais e econômicas difíceis em que se encontravam e a esperança de reconstruir suas vidas no “Novo Mundo” encorajaram essas pessoas a enfrentarem uma longa viagem, atravessando o oceano e estabelecendo raízes em algumas regiões do Brasil como, por exemplo, Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

As diversas línguas de origem germânica no Brasil têm uma considerável quantidade de falantes devido ao volume de imigrantes que vieram para cá, porém não há tantas co-oficializações em lugares onde estão presentes essas línguas de origem teutônica, exatamente por falta de consenso entre a padronização da forma “hunsriqueana” (a grande maioria), ou a pomerana, e ainda a admissão da co-existência delas, com todas as influências de dialetos e outras variantes regionais, além dos grupos já citados, que defendem não falar dialetos provindos do alemão e sim línguas distintas de origem germânica.

Apesar disso, diante de todo esse debate e impasse, faz-se muito oportuna a colocação de Horst (2011, p. 15), que considera a existência de um “*Brasildeutsch*”, ou seja, um alemão brasileiro. Esse termo congregaria justamente as diversas formas do falar alemão com as influências do português, de outras línguas e de questões locais.

Outro termo aglutinador que contribui, pelo menos em questão de referência, para esse problema da diversidade de dialetos tedescos no Brasil é “*deutsch-brasilianische Mischsprache*” ou mescla linguística teuto-brasileira (BOSSMANN, 1953, p. 96). Esse modo



de se referir congrega as línguas germânicas faladas pelos descendentes de diversas regiões da Prússia e da Alemanha, bem como suas peculiaridades, influências e sincretismos sofridos no contato com o idioma oficial e com outros grupos de imigrantes sejam pomeranos, italianos, poloneses e outros.

Há comunidades significativas de falantes desse “alemão” de forma genérica, que inclui por vezes o *Hunsrückisch* e *Pommersch* em várias regiões do extenso Brasil. No caso específico do *Pommersch*, em alguns municípios mais conhecidos como Pomerode (SC) e Santa Maria de Jetibá (ES), existem inclusive alguns festivais pomeranos, eventos culturais nos quais são declamados poemas e cantadas canções em pomerano, além de programas de rádio. Vale lembrar os vários municípios brasileiros que já o possuem como língua co-oficial entre eles Domingos Martins (ES), Laranja da Terra (ES), Pancas (ES), Santa Maria de Jetibá (ES), Vila Pavão (ES), Santa Leopoldina (ES) e Pomerode (SC).

Segundo Tressmann, a língua pomerana passou a ter uma escrita oficial no Espírito Santo a partir do ano 2000, quando a pesquisa sobre essa língua ficou mais forte na história recente do estado, pois agora existe um reconhecimento oficial e com isso mais incentivos nos âmbitos municipal, estadual e federal.

Advém que no três estados mais ao sul do Brasil, não há uma estrutura que proteja a língua pomerana de forma tão organizada, porque houve especificidades históricas que dificultaram tal feito, como a dispersão deles por várias regiões e o contato frequente com outros dialetos alemães, que algumas vezes se sobreporam à minoria pomerana, como o *Hunsrückisch* que, ao que tudo indica, predominou enquanto fala germânica no sul do Brasil.

É inegável a presença de descendentes da etnia pomerana em outras regiões do nosso país. Além das cidades capixabas e catarinenses, há outros lugares menos comuns, nos quais se fala o pomerano em casa, entre amigos, nos cultos religiosos, nas escolas e em outras esferas da vida pública e privada.

Em Canguçu (RS) já houve a co-oficialização da língua pomerana e a inclusão dessa disciplina no currículo escolar da rede municipal que entrou em vigor a partir do ano letivo de 2011. Nessa pequena cidade, o idioma *Pommersch* é transferido de forma oral entre as gerações e a criação da forma escrita é uma antiga reivindicação.

Em Arroio do Padre (RS), um pequeno vilarejo no interior do estado, ainda não há decreto de co-oficialização, mas a maioria dos moradores é descendente de pomeranos. Em

várias casas ainda se fala o dialeto trazido da Pomerânia. O *Pommersch* para eles é uma variante do *Plattdeutsch*, pois também se referem assim ao pomerano nessa localidade.

Os pomeranos também imigraram e se fixaram massivamente em outras regiões do Rio Grande do Sul; pessoas que falam o pomerano também podem ser encontradas em São Leopoldo (RS), São Lourenço do Sul (RS), Santa Cruz do Sul (RS), Vera Cruz (RS), Arroio do Tigre (RS) e Candelária (Antiga Linha Germânia), lugares estes que vem sofrendo muitas transformações linguísticas, mas são pouco explorados pelas pesquisas sobre o *Pommersch*.

Através da prática da fala pelas pessoas, não só as mais experientes, mas também aquelas que no núcleo familiar durante a convivência dentro do lar, nas refeições à mesa e em vários outros momentos de intimidade, tentam preservar essa fala de acordo com suas origens; porém, isso vai muito além de uma forma de comunicação, é uma maneira de viver, de pensar e de sentir.

Também no estado de Rondônia, no município de Espigão do Oeste, está em fase de aprovação a co-oficialização da língua pomerana. Neste caso, calcula-se que exista uma comunidade de pomeranos, constituída por 70 famílias que pertencem à Linha Figueira, quilômetros 19 e 21, na divisa do Município de Cacoal e Espigão D'Oeste, que tende a diminuir o número de falantes, conforme aponta Pessoa, que os estudou:

A comunidade de pomeranos conseguiu manter, durante algum tempo, em Espigão D'Oeste, certo isolamento geográfico e cultural, porém, a migração para Rondônia acabou promovendo um processo de aculturação com reflexos no campo social, religioso, cultural e linguístico. A língua pomerana ainda é a língua da vida tradicional do grupo, utilizada no convívio diário entre seus membros e na prática de suas atividades econômicas e culturais. Mas, aos poucos, a língua portuguesa começa a penetrar na comunidade e podemos afirmar que os pomeranos de Espigão D'Oeste sofrem um processo de mudança linguística. A situação de contato linguístico com a sociedade regional provocou uma alteração na posição da língua pomerana dentro da comunidade em função da introdução da língua portuguesa. (PESSOA, 1996, p. 13).

A situação de Espigão D'Oeste apresentada acima nos mostra que devemos literalmente “correr contra o tempo”, estudar, registrar, gerar material de acervo documental e audiovisual sobre essas comunidades e seus dialetos, que vêm sofrendo um processo de aculturação e de perda de características próprias em contato com o português. Todo esse processo de transformação acaba criando um novo dialeto, que vai incorporar palavras de ambas as línguas,

com todas as regionalidades e sotaques do local onde essas pessoas estão inseridas, que influenciam o espaço cultural onde vivem e como uma “via de mão-dupla” também são influenciadas.

Além desses lugares, no leste de Minas Gerais, existem municípios, como Itueta e Mutum, por exemplo, onde há uma considerável quantidade de descendentes da etnia Pomerana. Estima-se que aproximadamente 2.000 pessoas ainda falem a língua na região de Itueta, num povoado chamado Vila Neitzel, na direção norte da zona rural. Porém, é importante observar que estes dados são de 2010 e generalizam a região norte de Itueta, onde houve uma evasão populacional, a partir dos anos 50 até recentemente, para os Estados Unidos e para Rondônia. Tendo isso em vista, caberia afirmar que esse número não representa a situação atual da fala pomerana no local. Um levantamento linguístico específico precisaria ser feito ali. O pomerano é referido nessa região como *Plattdüütsch*, estaria em processo de declínio e parece ter sido pouco contemplado em pesquisas.

É possível observar que há diversas vertentes e diferentes posicionamentos que ora definem o pomerano como um dialeto proveniente do alemão, ora uma língua de origem próxima, porém com estatuto próprio. Não há um consenso e talvez buscá-lo não seja o melhor caminho, o grande ganho deve estar em reconhecer essa multiplicidade de falas e estudá-las com o interesse na manutenção da diversidade e riqueza contidas nas diferenças de sotaques, pronúncias, regionalidades e léxico.

Diante disso, é fato que todas essas línguas faladas no Brasil atual, inclusive o pomerano, poderiam ser documentadas, estudadas, analisadas, constituindo arquivos completos inclusive de áudio e também cartas cartográficas que localizem os lugares onde essas diferentes manifestações linguísticas ainda são presentes. A criação de acervos desse tipo permitiria proteger tais patrimônios linguísticos e históricos da humanidade, muitas vezes extintos em seu local de origem.

Em diversos lugares do sul do Brasil a Pomerânia ainda está viva, visto que muitos descendentes ainda sabem e praticam a fala e a cultura, visto que há um ensino e aprendizagem no núcleo familiar e também no convívio com a comunidade através do falar constante. Deste modo, os conhecimentos linguísticos podem ser transmitidos de geração em geração. O interior rio-grandense é uma região repleta de descendentes dessa região perdida pela Alemanha, que

já demonstrou inclusive interesse em resgatar essa herança através dos brasileiros, buscando referências aqui<sup>3</sup>.

Há que se lançar um olhar interessado e atento para o Vale do Rio Pardo (RS), região que abrange vários municípios ao longo e em torno do extenso Rio Jacuí, incluindo cidades como Vera Cruz (antiga Vila Theresa), Santa Cruz do Sul, Rio Pardo, Sinimbu, Candelária (antiga Linha Germânia) e Arroio do Tigre, situadas numa região próxima umas das outras. Esses municípios foram massivamente colonizados por imigrantes pomeranos que foram trabalhar no plantio, principalmente de fumo. No entanto, podemos notar que não existem muitos estudos sobre os pomeranos dessas regiões, como existem na região do Espírito Santo, pois lá há maior quantidade de fontes e estudos sobre os pomeranos do que em outras regiões colonizadas pela mesma etnia.

Nesses lugares, os traços linguísticos ainda podem ser perceptíveis, vivenciados e resistentes até os dias de hoje. No entanto, alguma especificidade histórica pode revelar um maior sincretismo que parece ter ocorrido ali na região, pois os traços mais visíveis que permaneceram ali são a culinária e o tema turístico. Aparentemente, esses elementos recebem muito mais importância do que a preservação da língua, ou seja, se ainda falam o pomerano, isso deve estar se perdendo, pois o encontro de falantes de *Pommersch* não é numeroso, num lugar em que a grande maioria é descendente de pomeranos, povo este que decidiu fazer do Brasil sua pátria e deixou suas marcas após mais de 150 anos, considerando a grande leva de imigrantes pomeranos que chegaram a Vera Cruz/RS no ano de 1858.

Pesquisadores de diversas áreas, tais quais historiadores, linguistas, dentre outros, poderiam atentar para este caso. De fato esse tema ainda não foi suficientemente explorado com foco nas cidades citadas acima. Há pouca bibliografia que trata da permanência ou desaparecimento da fala pomerana na região do Vale do Rio Pardo. O que se encontra a respeito são, na maioria das vezes, temas afins por meio da Internet, como grupos de dança folclórica, a tradição do casamento pomerano e festivais.

Iniciativas escassas, falta de recursos, interesses isolados, talvez sejam fatores que justifiquem, em parte, essa situação. No entanto, indiscutível é que existe muita riqueza cultural e fontes a serem exploradas e documentadas ali, visto que alguns moradores ainda falam o

---

<sup>3</sup> **Alemanha pesquisa cultura pomerana no sul do Brasil. Pomerano e Hunsrückisch são alvos de pesquisa de professora alemã.** Disponível em: < <http://pref-pelotas.jusbrasil.com.br/politica/6461690/pomerano-e-hunsrusckisch-sao-alvos-de-pesquisa-de-professor-alema> > Acesso em: 27 jun. 2012.

dialeto, o que alguns chamam de alemão, outros de dialeto simplesmente, outros ainda intitulam como o “falar pomerano” ou ainda, um alemão-pomerano. Visto que não podemos ignorar o contato que existiu entre germânicos de diversas regiões da Prússia e do território que hoje conhecemos como Alemanha, por muito tempo eles se casavam somente entre os membros da comunidade, o que colocava as variantes linguísticas em contato.

As variantes linguísticas germânicas, seja o *Hunsrückisch*, o *Westfälisch*, *Schwäbisch*, o *Pommersch*, entre outros, tiveram contato entre si no Brasil ao longo do século XIX e com o português. Algumas pesquisas sugerem que houve uma prevalescência do *Hunsrückisch* sobre os outros dialetos, até pela quantidade numérica e por trabalharem nas mesmas terras e colônias. Lembrando que o próprio *Hunsrückisch* também deve ter sido influenciado por essas outras falas e pelo português, compondo uma linguagem que hoje tem sido estudada e comparada com o *Hochdeutsch*, na tentativa de estabelecer relações, pontos compreensíveis e não-compreensíveis, sugerindo a formação de uma linguagem peculiar na mescla dessas miscigenações linguísticas, com influências externas não só de tempo, mas de espaço e de relações sociais de distanciamento da origem.

O Professor Doutor Harald Thun, da Universidade de Kiel, na Alemanha, tem demonstrado interesse em estudar as línguas das minorias étnicas alemãs do Brasil. Ele tem desenvolvido um belo trabalho de mapeamento das línguas e dialetos de origem germânica no nosso país, em parceria com o Professor Doutor Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS), e outros pesquisadores do mesmo tema. Eles estão desenvolvendo o projeto ALMA<sup>4</sup> que consiste na construção de um Atlas Linguístico das Minorias Alemãs – atualmente na fase H, etapa de estudo do *Hunsrückisch*. Esse importante trabalho tem feito um grande levantamento de pesquisa, catalogação, documentação, entrevistas, análise de cartas de imigrantes e mapeamento dos municípios e localidades onde são faladas essas variantes linguísticas.

A arte tumular é uma rica fonte, ainda pouco explorada, para o estudo das línguas e falas provenientes da imigração, inclusive do pomerano. As lápides dos túmulos dos cemitérios de imigrantes contêm vários textos, grafados na língua daqueles estrangeiros ali enterrados. Existem várias inscrições em variantes alemãs, por exemplo, nos cemitérios de Arroio do Tigre/RS e Vera Cruz/RS, sendo que aquele vem sofrendo vários ataques de vandalismo, além

---

<sup>4</sup> Prof. Dr. Harald Thun (Christian-Albrechts-Universität/CAU) e Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS) são os coordenadores do Projeto ALMA-H. O projeto possui outros integrantes entre pesquisadores, colaboradores e outras pessoas que somam cerca de 30 participantes da equipe. Para verificar as áreas de abrangência e a equipe completa, consultar < <http://www.ufrgs.br/projalma/equipes/equipe.html>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

da ação do tempo que destrói esses patrimônios com indícios relevantes sobre a imigração. Talvez os fatos que contribuam para essa situação sejam o descaso da população em geral, a omissão do poder público e a falta de incentivos financeiros, elementos esses que cooperam para a perda do conhecimento acerca de pessoas que colonizaram o território brasileiro.

Podemos destacar algumas iniciativas independentes, de pessoas conscientizadas e interessadas em preservar a memória dos seus ascendentes e dos familiares de seus próximos. Dentre estes, o reverendo Müller (2003), de Panambi (RS), radicado em Santa Cruz do Sul, fez um árduo trabalho de ir a campo, catalogar túmulos e cemitérios inteiros, abrangendo uma considerável área do Rio Grande do Sul. Ele fotografou e transcreveu registros, além de ter escrito vários livros, a partir da coleta desses dados. Esse material tem permitido a vários descendentes de imigrantes reconstruírem suas árvores genealógicas.

Uma iniciativa semelhante é a de Hintz (2006), de Candelária (RS), que tem transcrito e preservado registros de imigrantes a partir das formas originais em que foram escritos; eles podem conter variações do alemão e do pomerano para serem usados como fontes de estudo. A pesquisadora independente também tem feito expedições exploratórias em cemitérios, lutando por sua preservação e produzindo alguns livros e materiais de referência.

Esses trabalhos e iniciativas pontuais são o que têm contribuído para dar visibilidade às memórias não-oficiais e às variedades linguísticas ainda pouco conhecidas. Dessa forma, os descendentes desses imigrantes, como os pomeranos, por exemplo, têm a chance de ter suas histórias resgatadas, pois apesar da distância histórica e geográfica de suas origens étnicas, ainda mantêm vivas algumas práticas de seus antepassados e assim vão compondo a diversidade da sociedade brasileira.

Outra iniciativa recentemente produzida, que mostra nossa variedade linguística, além de abordar o tema da identidade, é o filme-documentário *Walachai* (Zilles – 2009). Este, por meio de uma linguagem construída de forma tão natural que chega a ser poética, nos mostra um manter de vida simples do interior, um amor pela *Heimat* (terra natal), nos apresenta alguns personagens reais que ainda falam um dialeto alemão. Uma dessas personagens é uma senhora idosa, que nunca aprendera o português, mas que cuida do cemitério da cidade e toca o sino da igreja diariamente. Essas são pessoas que se identificam como brasileiros, mas conhecem sua origem europeia, um exemplar do que acontece com diversas etnias no Brasil.

A partir desse documentário, podemos compreender que a palavra *Walachai* significa terra longínqua; em alemão antigo, esse termo ganhou o sentido de “lugar longínquo, perdido

no tempo”. Quanto ao lugar Walachai, trata-se de uma colônia rural alemã, localizada á cerca de 70 km de Porto Alegre, distante de toda a agitação da cidade grande. E parece mesmo deixar uma impressão de “perdido no tempo”, pois tem resistido, na medida do possível, às mudanças. Há outros povoados de nomes singulares no país, como *Jamenthal*, *Batatenthal* e *Frankenthal*. São comunidades que têm uma dinâmica própria e ainda vivem distantes do mundo globalizado. Muitos de seus habitantes nem falam português e comunicam-se num dialeto transmitido pelas gerações de descendentes.

Ainda convém mencionar o empreendimento voluntário de um grupo de pessoas, de todas as idades e lugares, que se congregaram em uma comunidade pela internet, o fórum de imigração alemã<sup>5</sup>. É um grupo de ajuda mútua, que têm demonstrado esforço e criatividade através de suas ações. Eles têm conseguido levantar documentos raros e reconstruir as histórias de suas famílias, através de diversas atividades, no sentido de estudar as questões de genealogia, história e cultura de seus ascendentes. Esse grupo tem organizado mutirões de compilações em arquivos públicos, eclesiásticos e museus. Eles criam acervos digitais e fazem seções de fotografias em cemitérios antigos e abandonados, com o interesse de preservar tudo aquilo que restou de seus antepassados.

Na tentativa de colaborar com essa demanda de estudo das línguas e falas de imigração, sobretudo no caso do pomerano, seria desejável que houvesse uma cooperação mútua entre os pomeranos de todas as regiões do Brasil e também remanescentes da Alemanha. Uma união, das diversas iniciativas para a preservação da língua, poderia fomentar a prática da fala, cruzar dados de seus acervos, promover eventos e encontros profícuos para o estudo linguístico. Essa congregação de pomeranos poderia acontecer, por exemplo, através de um portal na internet, que relacionasse efetivamente as diferentes localidades onde há descendentes dessa etnia.

Atualmente, existem iniciativas dispersas e sem conexão entre si, em sua maioria *sites* de pomeranos de regiões específicas, com abordagens mais locais. Alguns sítios virtuais, como o “pomerano.com” e “pommersch.webs.com”, têm fornecido suas contribuições e fazem um link indicando outros *sites*. No entanto, ao que parece, não há ainda, uma troca de informações mais detalhadas e nem uma cooperação para a disciplina pomerana nas escolas dos municípios e povoados que não possuem as condições necessárias para o ensino do pomerano. A

---

<sup>5</sup> Fórum sobre Imigração. Disponível em: <<http://br.groups.yahoo.com/group/imigracaoalema>>. Acesso em: 07 fev. 2013.

manutenção desse ensino-aprendizagem, mesmo através de vídeo-aulas, contribuiria para as novas gerações não perderem o vínculo com essa fala, seriam bilíngües e estariam também preservando a forma escrita desses dialetos através da alfabetização.

O agrupamento da etnia Pomerana, mesmo que virtual, incentivaria o aspecto linguístico, visto que hoje estão individualizados em suas colônias, ainda que se contatem casualmente por outros meios de comunicação. Apesar disso, eles vêm trabalhando diversos aspectos da vida, como práticas artísticas e culturais, entretanto, uma colaboração permanente os fortaleceria enquanto coletividade e ajudaria a manter a fala pomerana preservada.

O portal seria um grande avanço e um empreendimento que traria uma ampliação do conhecimento da fala pomerana, não só para o grupo étnico, como também para o público em geral. Uma ampla conscientização da questão da preservação poderia abrir portas para a possibilidade de buscar apoio para a restauração de alguns cemitérios de imigrantes que estão praticamente destruídos, embora contenham na arte de suas lápides informações relevantes sobre as histórias de muitas famílias.

A cultura e identidade de um povo tocam em questões nacionais e se relacionam com elas na medida em que a identidade do brasileiro como um todo é algo em constante discussão, bem como a discussão da identidade alemã. Embora os imigrantes pomeranos tentassem preservar sua cultura, é importante observar que não foram totalmente isolados em sua regionalidade, pois aqui se pensa em uma noção de cultura mais ampla. Estamos considerando uma cultura que flui, que se movimenta, está em constante interação com outras culturas, inclusive com o restante do país.

Para exemplificar podemos citar que as nossas práticas sociais e culturais foram construídas na interação de diversos segmentos sociais e étnicos e são, portanto, constituintes da brasilidade como um todo. Haja vista que, constantemente, usamos palavras em nosso vocabulário que são originárias de outras etnias e nos alimentamos de comidas que tem suas receitas originárias em outras culturas. Assim como conceitos e ideias, formas e concepções que adotamos, pelas quais entendemos a vida, talvez tenham sua origem em pensadores de outros povos, entretanto, partilhamos tais elementos, porque são culturais e compartilhados socialmente.

As manifestações são, sobretudo, humanas, elas foram e são construídas no contato, nas relações de interação, e não individualmente, pois a cultura opera trocas de informações, de hábitos, de modos de viver, pensar, agir, sentir e ainda, elaborar as experiências vivenciadas.



A multiplicidade do ser humano permite, por exemplo, haver uma identidade enquanto pomeranos, ao mesmo tempo em que são brasileiros em seu auto-reconhecimento. As permanências das práticas culturais, persistentes no cotidiano dos pomeranos-brasileiros, precisam ser tornadas públicas, socializadas, tiradas do anonimato. Elas são presentes e latentes em nossa sociedade, são particularidades intrínsecas à vida das pessoas e frequentemente exercitadas.

A temática aqui discutida indica que existe uma grande demanda de que não só os dialetos, as línguas indígenas e nativas ainda vivas, sejam estudados e preservados, mas também aqueles falares trazidos de fora, que se perderam em seus antigos locais de origem, mas que ficaram “guardadas” e protegidas em solo brasileiro, em lugares ainda desconhecidos pelo grande público em geral.

A variedade linguística do nosso país precisa tornar-se uma realidade amplamente divulgada para a maioria dos brasileiros. Fundamental seria que a consciência coletiva fosse despertada para um sentimento e esforço de preservação. Uma maior mobilização, nesse sentido, poderia evitar que a fala pomerana, por exemplo, se perdesse. Destarte, poderíamos fazer algo em prol dessas culturas, variantes linguísticas e falares.

Assim o objetivo principal deste artigo é trazer essa preocupação para a discussão e despertar curiosos e estudiosos para essa realidade, sejam eles linguistas, historiadores, genealogistas ou pessoas da comunidade. Sejam voluntários e dos mais diversos setores da nossa sociedade, não só do âmbito acadêmico, para atentar à necessidade de se estudar as manifestações linguísticas, preservar as fontes vivas, documentais e locais. Essa mobilização valorizaria as permanências das variadas línguas, dialetos e falas que vêm persistindo na nossa nação.

Tendo em vista que, tudo isso é parte de nossa história e de nosso presente, compõe a nossa multiplicidade, são ingredientes e sintomas da diversidade que todos nós somos, enquanto Brasil.

### Referências bibliográficas

210 BRASIS. In: **Revista Desenvolvimento**. Seção Retratos. n. 65, ano 8, 2011, p. 68-71.

**A co-oficialização da língua pomerana.** Disponível em: <<http://www.farese.edu.br/pages/artigos/pdf/ismael/A%20co-oficializa%C3%A7%C3%A3o%20da%20L%20Pomer.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2013.

ALERS. **Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil.** Disponível em: <<http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib>> Acesso em: 14 jun. 2013.

ALIB. **Atlas Linguístico do Brasil.** Disponível em: <<http://www.alers.ufsc.br>> Acesso em: 14 jun. 2013.

**Alemanha pesquisa cultura pomerana no sul do Brasil. Pomerano e Hunsrückisch são alvos de pesquisa de professora alemã.** Disponível em: <<http://pref-pelotas.jusbrasil.com.br/politica/6461690/pomerano-e-hunsrusckisch-sao-alvos-de-pesquisa-de-professor-alema>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

AMAZONAS (Estado). Lei nº 145, de 11 de dezembro de 2002. **Co-oficialização das línguas Nheengatu, Tukano e Baniwa em São Gabriel da Cachoeira.**

**Arroio do Padre / RS.** Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/arroiodopadre>>. Acesso em: 07 fev. 2013.

**As Línguas do Brasil.** Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas\\_do\\_Brasil](http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas_do_Brasil)>. Acesso em: 07 fev. 2013.

BOSSMANN, R. Zur deutschbrasilianischen, Mischsprache. In: **Letras I**, Curitiba: s.e., 1953.

BRASIL. DECRETO nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010. Institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística e dá outras providências. **Diário Oficial da União da República Federativa do Brasil.** Poder Executivo. Brasília, DF, 10 dez. 2010. ISSN 1677-7042.

ESPÍRITO SANTO (Estado). Emenda constitucional nº 11/2009, de 25 de Abril de 2011. **Inclusão no artigo 182 da Constituição Estadual da língua Pomerana como co-oficial no estado do Espírito Santo.**

Fórum sobre Imigração. **Grupo Imigração alemã.** Yahoo Groups. Disponível em: <<http://br.groups.yahoo.com/group/imigracaoalema/?yguid=188086789>>. Acesso em: 07 fev. 2013.

HINTZ, M. M. **Retalhos de Candelária/RS – Os Imigrantes.** Vol. II. São Leopoldo: Oikos, 2006. 186 p.

HORST, C. **Quando o Heinrich casa com a Iracema, a Urmutter vira Bisa.** A dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do sul do Brasil. Revista Dialectologia Pluridimensionalis Romanica, Nº 19. Kiel: Westensee Verlag, 2011. 226 p.

**IBGE. Censo de 2010.** Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=2194&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2194&id_pagina=1)>. Acesso em: 07 fev. 2013.

**Início da imigração pomerana para o Brasil a partir de 1824.** Disponível em: <[http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2093&secao=271](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2093&secao=271)>. Acesso em: 07 fev. 2013.

**Itueta / MG. Descendentes de etnia germânica vivem isolados em área rural de Minas.** Disponível em: <<http://www.nanademinas.com.br/exibe-cultura.php?id=928>>. Acesso em: 07 fev. 2013.

KATTAH, E. Inventário terá todos os idiomas falados no Brasil. **O Estado de S. Paulo.** São Paulo, 04 jun. 2008. Disponível em: <<http://www2.cultura.gov.br/site/2008/06/04/inventario-tera-todos-os-idiomas-falados-no-brasil/>>. Acesso em: 07 fev. 2013.

**Lei dispõe sobre a co-oficialização da língua pomerana no município de Santa Maria de Jetibá/ES.** Disponível em: <<http://www.ipol.org.br/imprimir.php?cod=604>>. Acesso em: 07 fev. 2013.

MORELLO, R.; OLIVEIRA, G. M. de. Uma Política Patrimonial e de Registro para as Línguas Brasileiras. **Linguagem.** Revista Eletrônica. UFSCAR. Florianópolis, n. 148, Jul. 2012. ISSN: 1983-6988.

MÜLLER, A. L. **Cemitérios dos Imigrantes no Vale do Rio Pardo-RS.** Porto Alegre: Edições Est, 2003. 139 p.

**No Brasil, pomeranos buscam uma cultura que se perde.** Disponível em: <<http://gabeira.locaweb.com.br/causas/causa.asp?id=941&idSubd=40>>. Acesso em: 07 fev. 2013.

OLIVEIRA, G. M. de. **Plurilinguismo no Brasil.** Representação da UNESCO no Brasil. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura e Instituto de Investigação (ONU) e Desenvolvimento em Política Lingüística (IPOL). Brasília, jul. 2008. Texto Digital. 11 p.

PESSOA, M. do S.. **Ontem e hoje:** percurso linguístico dos pomeranos de Espigão D'Oeste-RO. 242 f. Dissertação (mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1996.

**Pomeranos no Espírito Santo.** Disponível em: <[http://www.rog.com.br/claudiovereza2/mostraconteudos.asp?cod\\_conteudo=735](http://www.rog.com.br/claudiovereza2/mostraconteudos.asp?cod_conteudo=735)>. Acesso em: 07 fev. 2013.

**Pomerode institui língua alemã como co-oficial no Município.** Disponível em: <<http://www.leismunicipais.com.br/twitter/222/legislacao/lei-2251-2010-pomerode-sc.html>>. Acesso em: 07 fev. 2013.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). Lei nº 14.061, de 23 de julho de 2012. **Decreta o Hunsrik patrimônio histórico e cultural do estado.**

RODRIGUES, A. D. I. **Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas.** Ciência. Hoje, v. 16, n. 95, nov. 1993. APUD. In: OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Plurilinguismo no Brasil. Representação da UNESCO no Brasil. ONU-IPOL. Brasília, jul. 2008.

SANTA CATARINA (Estado). Lei nº 14.951, de 11 de novembro de 2009. Decreta o Talian patrimônio histórico e cultural do estado.

SANTA CATARINA (Estado). Lei nº 2251, de 1º de setembro de 2010. **Institui em Pomerode a língua alemã como idioma complementar, secundário e co-oficial no município.**

TRESSMANN, I. **A Classificação da Língua Pomerana.** Santa Maria de Jetibá/ES, 2010. Disponível em: <<http://www.pomerano.com/videos/fatos-historicos-da-imigracao.html>>. Acesso em: 07 fev. 2013.

\_\_\_\_\_. **A Língua Pomerana. Santa Maria de Jetibá/ES,** 2010. Disponível em: <<http://www.pomerano.com/videos/fatos-historicos-da-imigracao.html>>. Acesso em: 07 fev. 2013.

**Vereadores propõem ensino da língua pomerana nas escolas do município de Canguçu/RS.** Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/maiscangucu/2010/06/18/vereadores-propoe-ensino-da-lingua-pomerana-nas-escolas-do-municipio/>>. Acesso em: 07 fev. 2013.

**WALACHAI:** Um Brasil que os próprios brasileiros desconhecem. Direção: Rejane Zilles. Produção: Rejane Zilles e Aletéia Selonk. Roteiro: Rejane Zilles. c2009. 1 DVD (83 min), color. Produzido por Zilles Produções Culturais e Okna Produções. Co-produção Traquitana Filmes e Artesanato Digital.

## Bibliografia

ALTENHOFEN, C. V. **Hunsrückisch in Rio Grande do Sul:** ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen. Stuttgart, Franz Steiner, 1996.

DAMKE, C. **Sprachgebrauch und Sprachkontakt in der deutschen Sprachinsel in Südbasilien.** Frankfurt am Main; Berlin; Bern; New York; Paris; Wien: Lang, 1997.

**Dr. Pedro Pereira propõe criação de Comitê da Etnia Pomerana.** Disponível em: <<http://www.cangucuemfoco.com.br/2007/07/dr-pedro-pereira-prope-criao-de-comit.html>>. Acesso em: 27 fev. 2013.

DUMMER, C. [et al.] **Vera Cruz:** tempo, terra e gente. Vera Cruz. LupaGraf, 2009. 109p.: il. ISBN 978-85-98355-03-0.

GRANZOW, K. **Pomeranos - Sob o Cruzeiro do Sul, Colonos Alemães no Brasil**. 1859. Coleção Canaã - Volume 10. Vitória (ES). Edição Comemorativa dos 150 anos da Imigração Pomerana no Espírito Santo. G765 p226 p.: il.

HELBICH, K. und S. **Briefe aus Amerika. Deutsche Auswanderer schreiben aus der Neuen Welt**. 1830-1930. München, C. H. Beck, 1988.

KRUG, M. J. **Os Bilíngues Teuto-brasileiros frente à metafonía funcional do português**. Dialectologia Pluridimensionalis Romanica, n.20. Kiel: Westensee Verlag, 2011. 243 p.

MARTINUZZO, J. A. **Germânicos nas Terras do Espírito Santo / Deutschsprachige im Bundesstaat Espírito-Santo**. – Vitória: Governo do Estado do Espírito Santo, 2009. 260 p.: Il. Edição Bilíngue: português e alemão.

RUHE, R. **Die Allgemeine Auswanderungs-Zeitung** - ein Presseerzeugnis des 19. Jahrhunderts aus Rudolstadt. Rudolstädter Heimathefte, Heft 3/4, März/April 1976.

SCHMIDT, F. W. **Mein Pommern – Land und Volk**. Stettin: Melchior Historischer Verlag, 1925. Heft 1 bis 6.

VOGT, O. P. Germanismo e Nacionalização em Santa Cruz do Sul, RS. In: **História Política de Santa Cruz do Sul**. UNISC. Santa Cruz do Sul, v.7, n.2, p. 49-92, jul/dez. 2001.

Artigo recebido em: 28.02.2013

Artigo aprovado em: 18.06.2013